

A polícia... perigo social

São inúmeros os conflitos provocados por essa corporação que, afirma-se, tem a missão de defender a vida e baveres dos cidadãos—a polícia. Várias vezes *A Batalha*, por ser o jornal que, inofensivamente, mais defende a segurança do povo contra todos os arbitrios, tem estigmatizado verdadeiras atrocidades, só próprias dos tempos inquisitoriais, praticadas pela polícia. E nos conflitos mais graves, naqueles que mais colidem com a sensibilidade de espíritos não embotados pela perversidade ainda campeante, nós temos presenciado que, ante os clamores indignados da população que se em perigo a sua liberdade e a sua vida, o mutismo criminoso dos governos dá foros de legalidade aos mais condenáveis excessos.

Portugal—afirma-se—é um país civilizado. Lisboa, sua capital, é um espelho de civilização. Não obstante, facinorosamente, uma corporação de agentes da "ordem" traz em sobressalto a população citadina, pelas agressões constantes em plena rua, pelo assassinato até, sem que alguém procure obstar à repetição de barbaridades. A polícia que antes era inconveniente, tornou-se hoje um perigo social. O cidadão não pode, à noite, sair com sua esposa, porque se atrisca a vê-la presa e tratada como reles prostituta. Se protestar será insultado, agredido ou... morto. E tudo se faz impunemente. A bagodade natural dum agente de polícia, que é recrutado entre a mais baixa camada social, juntou-se-lhe o *casse-tête* e a polícia era má; depois a pistola, e ela passou a ser péssima; por fim, apetrechada com o *casse-tête*, o sabre, a pistola e a espada, a polícia tornou-se numa horda criminosa. Pende, agride, julga, acusa e condena, e mata, se lhe apetece...

As esquadras de polícia são an-
tos inquisitoriais. Altas horas, a circunvizinhança das esquadras é alarmada com os gritos e gemidos das vítimas sujeitas à tortura. Chega-se ao cíntulo de pendurar uma vítima pelo pescoço para se lhe arrancar a confissão de delitos não cometidos. A vida do cidadão está nas mãos do facinora que, para não ir degredado para África, se alisou na polícia. Esse facinora-policia agride, o cabo da esquadra concorda e o Governo Civil sanciona!

Até os si, e nos últimos tempos, a polícia tem já uma série grande de sinistros e nefandos actos:—Têm a cobardo execução de Guilherme Lima; o infelizível crime dos Olivais, em que, a frio, horrorosamente, foram arrastados dois rapazes para junto dumas oliveiras e fuzilados; os assassinatos de Diamantino da Anunciação e de Domingos Pereira alta madrugada e com as ruas desertas, o que impossível tornava qualquer tentativa de fuga; o assassinato de um operário em Alcântara; a agressão de dois marinheiros na calçada da Glória, de que resultou a morte dum deles; aquele célebre combate entre polícias e praças da G. N. R. no Parque Eduardo VII, provocado pelos primeiros e de que resultou a morte não só de alguns dos contendores como dum pobre e inocente mulher; as agressões bárbaras contra os operários presos nas várias esquadras há mais de 60 dias; enfim, um corolário que ofusca as proezas de qualquer das quadrilhas que figuram na galeria dos criminosos célebres.

A impensa honesta, aquela que escrupulosa é não pactuar com estes desmandos, começa a fazer círculo contínuo, protestando.

Há dias, Lisboa foi teatro de mais uma selvajaria da polícia: No Bairro Alto um polícia foi morto à facada; estabeleceu-se confusão, apareceu mais polícia e um homem foi preso como autor ou co-autor do atentado. Já quando seguia preso, esse homem foi agredido com um tiro que o perfurou do peito às costas. Levado ao posto da Misericórdia, a receber curativo, foi depois conduzido à esquadra das Mercês onde o agrediram tão selvaticamente, para o obrigar a confessar o crime que ele afirmava não ter cometido, que teve de voltar ao posto a receber novo curativo. Foi o povo forçado a requisitar do Governo Civil o transporte do preso para ali a fim de evitar que a polícia o matasse. Pois *A Batalha*, não desconhecendo mais este crime da polícia, reservou-se para, depois de a outra

que se lhe oferecia. Hoje limitamo-nos a reproduzir as informações dum jornal insuspeito, *O Primeiro de Janeiro*, do Pórtico.

"Testemunhas presenciais do caso afirmam não ser preso o autor do atentado, pois que o Amaral foi preso na travessa da Espera, enquanto o verdadeiro criminoso se escapuliu pela rua do Norte, praça Luís de Camões e rua das Flores, sem que ninguém o perseguisse.

Será bom antecipar que os restantes guardas que acompanhavam o 1048 não assistiram ao seu assassinato e tinham subido a ruas do Norte em perseguição dos que eles supunham fazer parte do grupo, tendo-se estabelecido geral confusão.

O Amaral, um dos que fugiu, ou por fazer parte do grupo ou para se furtar como tantos outros às violências dos polícias que, desorientados, disparavam à doida, foi agarrado naquela travessa por um grupo de populares, por julgarem ser ele o fáquista, tanto mais que fugia sem chapéu.

Neste momento surgiu o célebre guarda *Vianinha*, muito conhecido pela suas proezas, que sem mais delongas desfechou tiros à quem-roupa contra o Amaral. E não contente com isto, aquele cívico ameaçou tudo e todos, continuando a disparar mais alguns tiros, únicamente para afugentar os numerosos populares que o pretendiam linchar.

O Amaral, depois de curado, foi conduzido para a esquadra das Mercês, que o povo já intitulou de "Tribunal do Santo Ofício" e uma vez ali foi bárbaramente agredido a cavalo marinheiros, sendo os seus gritos ouvidos por toda a vizinhança.

Falou muito na família, nas mulheres, nos filhos. Nas horas vagas lá em, aguardando, no próximo paquete, as notícias de *A Batalha*.

Bernardino dos Santos já tem colocação. O governador, atendendo ao seu bom porte e as suas habilidades, consentiu em que ele, temporariamente, prestasse serviços como funcionário, numa das repartições. Falei-lhe outem—ao Bernardino dos Santos. Mostra-se tranquilo, sereno, confiando em que lhe será dada uma reparação pela injustiça que contra ele cometiram.

Bernardino dos Santos, como sabem, não é uma criança, nem um inexperiente. É uma pessoa que conhece os homens, a vida, e já não tem aqueles ardores da juventude. Alimenta as suas ideias, mas sem violências, sem entusiasmos juvenis, e por tudo isto as suas palavras revestem-se de reflexão, de serenidade. Está, naturalmente, indignado, mas as suas palavras de revolta já trazem aquele temor que conhecem os que vão a caminho dos cinqüenta anos.

Ignora por motivo o prenderam e o deportaram, estranhando que nem lhe dessem tempo a prover-se de roupa branca e de algum dinheiro, como se fosse um agitador perigoso. Foi preso na própria repartição da Assistência onde prestava serviços, e nem sequer lhe consentiram que se despedisse da companheira.

—Mas porquê, a que pode atribuir esse procedimento das autoridades?—pergunta.

—Não sei, não o comprehendo, tanto mais que o próprio agente Xavier conhecia a minha vida socregrada, e até conhecia que, mais ou menos nesta época, eu seguia para a Serra da Estrela, a tratar da sua comarca.

—Conclui com certa melancolia.

—Começo por dizer que não teme que os republicanos reconheçam não ter cometido o atentado, ser vítima dum erro que pode custar a sua morte? Eis o que pregunto a mim mesmo, não sabendo se merece a pena sujeitar à sensibilidade dos políticos, este caso dum homem quase velho, inocente e decente e ser deportado para a África...

NO PARLAMENTO

Os espancamentos e as deportações foram veementemente combatidos pelo 'leader' da esquerda democrática

O novo governo presidido pelo dr. sr. Domingos Pereira fez ontem a sua apresentação no parlamento.

Foi lida a declaração ministerial, documento inferioríssimo, vazio, onde sem brilho literário se conseguem alinhar palavras que não traduzem a mais pequena e insignificante ideia.

Uma passagem desse documento comprova o vacuidade dos homens que nos dirigem:

—A suprema orientação que vai nortear todos os actos do governo emerge, como é natural, do estado em que se encontra, neste momento, a vida política do país. Por consequência, à sobre excitação das paixões, à configuração das tendências excessivamente combativas, oporemos uma serena actuação apaziguadora. Respeitaremos todas as justas reclamações e todos os legítimos direitos, fazendo da justiça a base da ação governativa, procurando estabelecer a acalma necessária à realização da mais instante aspiração nacional...

Depois diz que sim... e mais isto é mais aquilo, que será imparcial perante as eleições:

—Entretanto, procuraremos honrar o regime, tratando de pôr em prática os critérios administrativos scientificamente melhores e moralmente mais perfeitos. A altura da sessão legislativa em que nos apresentamos ao parlamento torna desnecessária a habitual indicação de medidas governativas, dependentes, no geral, de uma intensificação da actividade parlamentar difícil de obter agora, tanto por carença de tempo como pelo excesso de fadiga já decorrido. Não fazemos, portanto, a menor enumeração das questões a respeito das quais se debatem.

—E depois de nada ter dito, afirma que os objectivos governativos estão definidos. Leia-se:

—Estão, desse modo, claramente definidos os objectivos e os processos a empregar pelo governo. Pacificar na ordem política, moralizar e melhorar na esfera administrativa; reconstruir, de acórdão com a experiência e por meios científicos, no campo económico como no social, eis, em síntese, o que desejamos e pretendemos realizar.

Foi muito combatido já o governo.

CRÓNICA DE VIAGEM

A situação dos operários deportados em África

Ouvindo Bernardino dos Santos — Os deportados trabalham

Como são tratados — Um jovem sindicalista de cinqüenta anos...

Os deportados continuam na mesma, trabalhando com a maior regularidade.

Pouquíssimos são os que não conseguem trabalho. O próprio director das Obras Públicas, com quem ontem troquei impressões, me disse que eram bons trabalhadores fazendo-me o elogio das qualidades dum que se chama Júlio de Almeida.

As principais obras, mórtem edifícios, que se encontram na Praia, foram realizadas com a mão de obra fornecida por alguns condenados que para aqui vinham no seu tempo.

Apesar de não trabalham com regularidade, por não terem trabalho, um manipulador de pão e uns ourives; mas este, mesmo à porta da caserna do quartel, montou uma pequena banca onde concerta relógios e faz pequenas reparações em objectos de ouro.

Todos eles, pouco a pouco, se vão adaptando, embora com desabafos de revolta, e sem perderem a esperança na justiça.

Falam muito na família, nas mulheres, nos filhos. Nas horas vagas lá em, aguardando, no próximo paquete, as notícias de *A Batalha*.

Bernardino dos Santos já tem colocação. O governador, atendendo ao seu bom porte e as suas habilidades, consentiu em que ele, temporariamente, prestasse serviços como funcionário, numa das repartições.

Falei-lhe outem—ao Bernardino dos Santos. Mostra-se tranquilo, sereno, confiando em que lhe será dada uma reparação pela injustiça que contra ele cometiram.

Bernardino dos Santos, como sabem, não é uma criança, nem um inexperiente. É uma pessoa que conhece os homens, a vida, e já não tem aqueles ardores da juventude. Alimenta as suas ideias, mas sem violências, sem entusiasmos juvenis, e por tudo isto as suas palavras revestem-se de reflexão, de serenidade. Está, naturalmente, indignado, mas as suas palavras de revolta já trazem aquele temor que conhecem os que vão a caminho dos cinqüenta anos.

Ignora por motivo o prenderam e o deportaram, estranhando que nem lhe dessem tempo a prover-se de roupa branca e de algum dinheiro, como se fosse um agitador perigoso. Foi preso na própria repartição da Assistência onde prestava serviços, e nem sequer lhe consentiram que se despedisse da companheira.

—Mas porquê, a que pode atribuir esse procedimento das autoridades?—pergunta.

—Não sei, não o comprehendo, tanto mais que o próprio agente Xavier conhecia a minha vida socregrada, e até conhecia que, mais ou menos nesta época, eu seguia para a Serra da Estrela, a tratar da sua comarca.

—Conclui com certa melancolia.

—Começo por dizer que não teme que os republicanos reconheçam não ter cometido o atentado, ser vítima dum erro que pode custar a sua morte? Eis o que pregunto a mim mesmo, não sabendo se merece a pena sujeitar à sensibilidade dos políticos, este caso dum homem quase velho, inocente e decente e ser deportado para a África...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Prépor que, este homem que, afirma não ser de causa a sua prisão?

Aos cinqüenta anos

A BATALHA

não reclamavam contra a miséria em que viviam, cobrindo apenas as carnes com uma calça vulgar, reforçada simplesmente pela acumulação do sangue de inúmeras rezes e um arremedo de camisola a cobrir-lhes o tronco, respondem-nos o seguinte:

O pessoal do Matadouro tem em muita conta a sua situação. E não é apenas a menoria de salário que o preocupa, já reclamam da Câmara o fornecimento de fatos apropriados para uso interno, fatos que devem reunir todas as condições exigidas pela natureza do trabalho.

E o que lhe responderam?

O vereador Fernão Pires, do pelouro do Matadouro, por onde correm estes assuntos, não nos deu ainda uma resposta satisfatória como conviria a todo o pessoal.

E é apenas para o pessoal da oficina da matança a reclamação dos fatos?

Não, senhor. É extensivo a todo o pessoal, pois a todo o pessoal ele é necessário e conveniente. Parece que o sr. Fernão Pires não querer ver assim uma coisa que é tão clara...

Nas outras oficinas sucede outro tanto, notando-se, até que alguns operários são forçados a um "rigor de trajo" de esquisita fisionomia para poderem desempenhar-se o trabalho.

Voltemos agora a atenção para outra particularidade das oficinas do Matadouro que só por si serviria para uma rigorosa campanha contra a miséria que ali se vive. Referimo-nos às condições higiênicas em que vegetam algumas centenas de trabalhadores. Para que se não diga que enegrecemos os combates daquele quadro horrível abstrafmo-nos de avatares literários para lhe imprimir um sabor sóbrio, como sóbria é a vida daqueles esquecidos da vida.

Ela:

Depois dum labor de algumas horas—há dias que atinge 15 horas—aqueles operários ficam completamente cobertos de suor. Braços, rosto, pernas e pés estão tintos. Em qualquer país civilizado a esses desgraçados ser-lhe-ia facultados os meios convenientes para se lavarem.

No Matadouro de Lisboa, capital do país, o pessoal tem o mesmo merecimento do que uma vassoura que limpava o excremento e que absorve todas as impurezas. E inacreditável, mas o leitor vai já conosco.

O pessoal tem que lavar-se num pequeno tanque, com um metro em quadrado aproximadamente, semelhante a uma pia onde os animais costumam beber, e fornecido por uma torneira de metal que o inunda de água. E' nesta pia de pedra—reparai!—que os combates daquele quadro horrível abstrafmo-nos de avatares literários para lhe imprimir um sabor sóbrio, como sóbria é a vida daqueles esquecidos da vida.

Existem também um balneário numa dependência distante à casa da matança que só, por ironia, pode ser encarado. Possui de facto algum valor, embora as cabines e os reynos sejam muito pífios. Mas que utilidade tem este balneário se o vestiário se encontra muito distante? A não ser que o pessoal do Matadouro mereça igual consideração a uma reles vassoura!

Existem também um balneário numa dependência distante à casa da matança que só, por ironia, pode ser encarado. Possui de facto algum valor, embora as cabines e os reynos sejam muito pífios. Mas que utilidade tem este balneário se o vestiário se encontra muito distante? A não ser que o pessoal desgraçado mereça igual consideração a uma reles vassoura!

Voltando também os nossos olhares para um arremedo de refúgio que existe no Matadouro a nossa sensibilidade não pode ficar imutável, pois há muito que dizer. E' uma barraca detestável. Não tem condições higiênicas como se impõe a uma casa de refeição. No chão o mosquiteiro é tão abundante que chegam a recuar os assaltados por essa enorme praga.

Indo quanto vimos durante a nossa visita ao Matadouro é bem a prova do desleixo e da incompetência das vertações que se têm sucedido.

Para elas, parço vereador do pelouro da especialidade, a situação do pessoal é letra morta, e banalidade que se perde na bruma do tempo. Quantas enfermidades se geraram nesse exercrável tanque onde o pessoal se lava que ficaram apagadas no silêncio da ignorância!

Quantos desgraçados têm percido só porque se conseguem que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragedia humana!

O Centenário

da Régia Escola de Cirurgia

O Conselho da Faculdade de Medicina de Lisboa reuniu em 31 de Julho deliberou que as festas comemorativas do I Centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia se realizem na segunda semana de Novembro (8 a 13), e que as conferências, lições e cursos das diversas cadeiras tenham lugar desde 1 a 30 de Novembro.

Deliberou mais nomear presidentes de honra da comemoração do Centenário, o reitor da Universidade de Lisboa, professor dr. Pedro José da Cunha, o lente jubilado da antiga Escola Médico-Cirúrgica, professor dr. Sábio Maria Teixeira Coelho e o decano dos médicos formados pela Escola.

Foi presente ao Conselho a "maqueque" de medalha comemorativa, obra do ilustre escritor sr. Francisco Santos, e que mereceu os elogios dos presentes.

A comissão especial encarregada da rétita, pede a todos os médicos que tenham tomado parte nas revistas de anos dos diversos cursos, como actores, autores ou compositores, o favor da sua comarcação na Faculdade hoje às 13 horas.

OS QUE MORREM

Manuel Ferreira Barbosa

Faleceu ontem, pelas 9 e 30 horas, Manuel Ferreira Barbosa, pai dos nossos camaradas José de Sousa Camarinha e Manuel Camarinha, militantes da Organização Mobiliária. O seu funeral efectua-se hoje, da travessa Marquês de Sampaio, 44, r/c, para o cemitério Oriental.

Joaquim Gonçalves Tôrres

No Instituto de Medicina Legal realizou-se ontem a autópsia do operário pintor da construção civil, Joaquim Gonçalves Tôrres, primo dos camaradas escultores Vitor Reis Araújo e Francisco Marcante Tôrres, que há dias faleceram subitamente na Damaia. O funeral vai hoje, pelas 15 e 30 horas, no edifício da Morgue, para o cemitério Oriental.

Na Voz do Operário impera a falta de vergonha

Antes da comissão de sindicância tudo decorria corretamente dentro da Sociedade, numa sorte que estava em relação com a ignorância dos dirigentes, aproveitando-se alguns empregados de situações de favor, à custa de baixas, de subversões e de falhas de carácter, preocupando-os a preferência aos casos de consciências as necessidades estomacais.

Os interesses dos empregados primavam os da Sociedade.

Este estado de coisas provocou um ambiente de falsidades, de mentiras, de falhas de vergonha e de lisonjas.

Dirigida a Sociedade por indivíduos sem cultura, na sua maioria analfabetos, fácil se tornava anoldálos as conveniências dos que predominavam. E quando algum esboava qualquer gesto de repulsa pelos tópores processos empregados, forçavam-no a uma demissão imediata, ou desgostavam-no a ponto de nunca mais lá pôr os pés.

E ficavam apenas em campo os habilidosos, os que da Sociedade viviam, os filhos de vergonha e de sentimentos, aqueles que não sendo sócios efectivos mandavam mais do que estes e guerreavam as aspirações dos sócios auxiliares, para, sósinhos, contumaz manobrando na sombra os destinos da Sociedade.

Surge a campanha de revolta contra esta situação imoral e ordena-se uma sindicância entreagendo-se a Sociedade a sócios auxiliares, que a administraram diversamente, moralizando os costumes e coibindo os abusos, fazendo-a trilhar um novo caminho.

E' bom que esse médico se lembre que só os seus clientes, que são os habitantes da vila, deve a situação que disrupta, e aprenda a tratar os com a correção com que deseja ser tratado. — E.

A BATALHA NA PROVÍNCIA E ARREDORES

Olhão

A ganância dos senhorios

OLHÃO, 31.—Os senhorios, na ânsia de arrecadarem todo o produto do trabalho dos operários, exploram-nos impiedosamente com uns pardiços que alugam por rendas fabulosas. Há inquilinos que, devido à grande crise de habitação, se vêem forçados a satisfazer os seus desmedidos desejos, pagando-lhes rendas elevadíssimas.

Conhecemos inúmeros senhorios que cobram mensalmente uma importância muito superior ao valor inscrito na matriz, segundo a actual lei do inquilinato. Ora isto é uma exploração infame. Há muitos senhorios que, não atendendo a esta situação miserável em que vivem os trabalhadores, pretendem aumentar as suas rendas, não fazendo outros, ao menos sequer, qualquer diferença nas rendas elevadas por que estão ultrapassando as disposições da própria lei.

Garvão

Um médico indelicado

GARVÃO, 2.—Tendo um indivíduo necessitado de vacinar sua filha, um médico de sua localidade mandou-o a outra parte.

E' bom que esse médico se lembre que só os seus clientes, que são os habitantes da vila, deve a situação que disrupta, e aprenda a tratar os com a correção com que deseja ser tratado. — E.

Alcobaça

O delegado do governo contra as exorbitâncias da G. N. R.

ALCOBAÇA, 3.—Há já bastante tempo que lava grande indignação contra o procedimento da G. N. R. aqui aquartelada, pois anda numa desenfreada caça à muita e por forma tal que ontém o delegado do governo pagou algumas delas por não as achar justas, indo protestar junto da Câmara Municipal para que ela seja afastada, a fim de prevenir qualquer conflito, pois o povo não está disposto a suportar tais vexames.

Espere-se a reunião do Senado Municipal que deverá tomar a resolução de lhe retirar o subsídio, a fim de livrar os seus munícipes de tão afrontosa perseguição. — E.

Unhais-o-Velho

Nem estradas, nem farmácia, nem médico, nem escolas

UNHAIS-O-VELHO (Pampilhosa da Serra), 2.—Este concelho que é composto de 10 freguesias e que tem uma população de cerca de 15.000 habitantes, não tem uma só estrada macadamizada. O trânsito aqui é feito por caminhos quais intransitáveis, pelos pachorrentos bôis, e povoações há onde estes animais não podem trabalhar, porque os caminhos mais se parecem com os carreiros que a história resa dos primitivos tempos.

Aqui não há comodidades nem confortos. Há as serras infinitáveis, tristes e desprotegidas, as serras onde os Loiolas e os pequenos senhores são imperadores dumas populações analfabetas, educada na escola da superstição e do fanatismo, havendo uma enorme percentagem dos habitantes do concelho, que crêem em bruxos, feitiçarias e maus olhares, e muitas outras coisas ridículas e nojentas, que causam a todos os espíritos livres.

Isto é já muito grave, mas há muito mais grau ainda.

Este concelho não tem um médico nem uma farmácia há já uns oito anos, aproximadamente. Aqui morre-se sem assistência médica. Os médicos e farmácias mais próximas das povoações deste concelho, estando respectivamente em Tortosendo, Fundão, Oleiros, Ogos, Arganil, povoações que distam cerca de trinta ou mais quilómetros de qualquer das povoações do concelho, ou sejam cerca de sessenta quilómetros ida e regresso.

Uma visita médica custa aqui mais de trezentos escudos, só ao alcance dos ricos, dos burgueses, bem ricos neste concelho. Estes mesmos em caso de doença, vêm-se desprovidos de assistência médica e recursos farmacêuticos nos primeiros dias da doença, devido ao enorme percurso, que o desgraçado portador que vai chamar o médico e à farmácia—tem de percorrer a pé, porque aqui como já disse, não há estradas e há muito poucas muires.

O concelho, os que tudo produzindo nada on quase nada têm, morrem ao abandono, quase como animais, por carência de recursos para mandar vir o médico, quando dele necessitam. São tratados pelos barbeiros da adega—a quem faltam quase sempre os conhecimentos precisos—e que por melhor vontade que tenham, nada em quase nada de útil podem fazer.

Quanto à instrução é um horror! A grande maioria das localidades não têm escola; as que a têm são muito pouco freqüentadas, e a têm são muito poucas saudade.

CONTRA UM BOATO

Recebemos de Jauréz Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e *o Diário de Notícias*, dizendo o testemunha da acusação contra os inimizados no atentado ao comandante da polícia.

A comissão que guardou segredo nesta apresentação para colher a assembleia de surpresa, mas como sempre há quem não possa guardar um segredo, informaram-nos desta agradável notícia; que damos em primeira mão, sendo de esperar que a assembleia termine com as mais inequívocas manifestações de apreço a tão nobres e assimilados varões.

CONTRA UM BOATO

Recebemos de Jauréz Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e *o Diário de Notícias*, dizendo o testemunha da acusação contra os inimizados no atentado ao comandante da polícia.

A moral déles...

FIGUEIRA DA FOZ, 3.—O povo desta cidade tem aqui desde algum tempo, além do corpo de polícia que pertence a Coimbra, um chefe de nome Abel Dias—exportado daquela cidade como castigo por irregularidades... na caixa... do capital policial de militares.

E, como não foi castigado como qualquer mendigo ao roubar um pão para matar a fome, indo para a imunda cadeia sofrer seis meses ou mais de prisão pelo seu atrevimento... ele tomou a liberdade de, depois do primeiro delito, praticar um segundo, certo, claro, da impunidade.

Havia ao que parece na caixa das recaitas, proveniente dos serviços de teatros, etc., 15.000 escudos — importância esta que deve ser desfida, segundo nos disseram, pelos guardas e respectivo cabo.

O certo é, porém, que a massa em vez de ser distribuída como se diz acima, teve um ramo diferente. Recebendo o xefé 500, o cabo 500, e os desgraçados guardas os outros 500. O que quer dizer que estes ficaram lesionados na parte que foi para o xefé.

E' isto pelo menos o que se diz pelas ruas da Figueira—tendo sido transferido um guarda para Coimbra por ter protestado...

o que valha-nos a "moral" déles... C.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

o que são apreciados muito agradados.

A BATALHA NA PROVÍNCIA E ARREDORES

Praia da Granja

Uma explicação necessária

PRAIA DA GRANJA, 1.—Algum gente de requintada má fez a quem não devemos explicações de espécie alguma—tem instintos que o facto de não termos, ultimamente, relatado aqui desenrolado nessa localidade, é resultante de combinações com certas criaturas com quem nada temos.

Motivos alheios à nossa vontade, aliados, infelizmente, à nossa falta de saúde, não nos têm, na verdade, permitido relatar certas ocorrências na devida oportunidade. Todavia, nunca deixámos ficar impunes, embora tarde, certas arbitrariedades, revoltantes e infames, que se têm consentido a sombra da política de compadrio porque o nosso dever jornalístico e a nossa consciência, sobretudo, no-lo impõe.

Um senhorio sem sentimentos

DE HÁ MUITO que o logar do Matadouro, desta localidade, tem sido teatro de escenas de desgraças entre os trabalhadores. José Marques da Fonseca e o antigo operário da construção civil Joaquim da Rocha, actualmente proprietário e capitalista, os factos que pormenorizadamente vamos relatar:

O operário José Marques da Fonseca, sua companheira e quatro filhinhos de tenra idade, ocupavam há bastante tempo como inquilinos uma casinha pertencente ao Roche, recentemente chegado do Brasil. Este, não lhe convindos ali os inquilinos alegando razões sem fundamento, despediu-os, os quais se prontificaram a sair logo que arranjasse outra habitação. Como, porém, isso não lhes tem sido possível devido a falta de casas, o Roche, e sua mulher Olinda Pregadiña, que é aqui oriunda por toda a gente de bem, têm posto em prática toda a sua genialidade, a fim de despedir os inquilinos.

O primeiro *truc* foi serem chamados os inquilinos à administração do concelho onde foram aconselhados a que saíssem imediatamente do caserio em que se estavam, indo protestar junto da Câmara Municipal, para que a sua despedida fosse considerada como devidamente motivada.

O segundo *truc* foi serem chamados os inquilinos à administração do concelho onde foram aconselhados a que saíssem imediatamente do caserio em que se estavam, indo protestar junto da Câmara Municipal, para que a sua despedida fosse considerada como devidamente motivada.

Seguidamente, os senhorios bem aconselhados e avisados, abandonaram a sua residência e quando toda a gente esperava que medidas energéticas iam ser tomadas, que despedissem os inquilinos e não conformassem com semelhante e descabida explicação e continuassem a lutar com a mesma falta de casa, a mulher do Roche, nervosa e indigna, no dia 24 do mês passado, de manhã, aproveitando a ausência do Marques e da companheira, destelhou todo o caserio sem dô nem piedade pelas quatro cintas que lá dentro se encontravam chorando, desorientadas e cheias de medo pela infância que se estava praticando, pelo crime repugnante que representava a acto da heroína Olinda Pregadiña.

Seguidamente, os senhorios bem aconselhados e avisados, abandonaram a sua residência e quando toda a gente esperava que medidas energéticas iam ser tomadas, que despedissem os inquilinos e não conformassem com semelhante e descabida explicação e continuassem a lutar com a mesma falta

MARCO POSTAL

Olhão.—Correspondente.—É favor enviar a correspondência e comunicados em tempo oportuno.

Pórtio.—S. U. Mobiliário.—Recebemos e agradecemos o nosso assinante para a *Revolução*. Seguem os 3 números pedidos.—Antero Vinhas e J. Luís Monteiro. Seguem os 3 números da revista à cobrança do 1º trimestre.

Havre.—A. Castro.—Recebemos 65 francos ficando pago o diário e *Revolução* até 31 de Julho findo.

Paris.—J. Baptista Castro.—Recebemos 100 francos, ficam pago diário, suplemento e revista até 30 de Agosto. Segue o livro pedido.

Rossio de Abrantes.—M. dos Santos.—Recebemos 28\$50, ficou pago até 31 de Maio 925.

Olhão.—Correspondente.—A fotografia não serve, é pequena.

Amoreiras.—A. Portela.—Recebemos 26\$00 vi assinatura. Ficou pago diário e suplemento até 31 de Agosto e a revista até 30 de Setembro e a de M. Marques até 31 de Agosto.

Requião.—M. Marques.—Recebemos 4\$50 para a *Revolução*. De futuro deve juntar a importância da *Revolução* com a do diário por meses.

Ponta Delgada.—V. Fernandes.—Recebemos 54\$00. Agradecemos os novos assinantes para quem enviamos os números da revista já publicados.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE AGOSTO

| | | | | | |
|----|----|----|----|----|----------------------|
| T. | 4 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
| Q. | 5 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 5,38 |
| Q. | 6 | 13 | 20 | 27 | Desaparece às 19,47 |
| S. | 7 | 14 | 21 | 28 | FASES DA LUA |
| S. | 8 | 15 | 22 | 29 | L. C. dia 4 às 11,50 |
| D. | 9 | 16 | 23 | 30 | Q. M. 11 12 13 14 |
| S. | 10 | 17 | 24 | 31 | L. M. 12 13 14 15 |

MARES DE HOJE

Praiamar às ... e às 0,02

Baixamar às 4,58 e às 5,32

CAMBIOS

| Países | Compra | Venda |
|-----------------------|--------|--------|
| Sobre Londres, cheque | 97\$00 | 97\$50 |
| Madrid cheque | 2\$91 | |
| Paris, cheque... | 95 | |
| Suíça, " | 390 | |
| Bruxelas cheque | 93 | |
| New-York, " | 26\$05 | |
| Amsterdão " | 8\$06 | |
| Itália, cheque... | 74 | |
| Brasil, " | 240 | |
| Praga, " | 60 | |
| Suécia, cheque | 540 | |
| Austria, cheque | 282 | |
| Berlim, " | 478 | |

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Politeama.—A's 21—O Leão da Estrela. Benfica.—A's 21, 28—O Lôdo. Apollo.—A's 21, 28—O moleiro de Alcâ. Trindade.—A's 21, 28—Ditosa Pátria. Eben—A's 21, 28—A cidade onde a gente se abriga.

Maria Vitoria—A's 21, 28, 29, 30—Rataplano. Casino de Sintra—A's 21, 28—Concerto pelo teatro Lapetere. Juvenal—A's 21, 28—Irmãos e a Cidad. Salão Top—A's 21, 28—Variedades. São Vicente (à Graça)—A's 21—Animatógrafo. Benfica—Portug—Todas as noites—Concertos e discursos.

CINEMAS
Olimpia—Chiado Terreiro—Salão Central—Cinema Cendre—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Portuguesa de Educação Popular—Cine Paris—Cine Esperança—Chanteclet—Tivoli—Tortoise.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 50.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

ser para todos um dia de alegrias. Depois estendendo a mão a Conrado que põe o joelho em terra diante dela: Eis a minha mão, senhor de Nointel; não podia dala a um cavaleiro mais valoroso.

— Felizes dias aos dois esposos! gritou a assembleia, glória e felicidade a Glorianda de Chivry e a Conrado de Nointel!

Enquanto a brillante companhia testemunha assim a parte que toma na felicidade dos dois esposos, o senhor de Chivry, aproximando-se do cavaleiro de Chaumontel, diz-lhe a meia voz olhando para os prisioneiros ingleses.

— Gerardo, que diabos de ingleses são estes? Negros como toupeiras!

— Senhor conde, responde gravemente o cavaleiro, estes patifes são da tribo inglesa dos *Ratamorfrydich*!

— O que! disse o velho senhor estupefacto deste nome bárbaro; tu dizes da tribo dos...

— Dos *Ratamorfrydich*! responde sem pestanejar o cavaleiro. E' uma das tribus mais ferozes da Inglaterra: julgam-na descendente de uma colónia egípcia ou mesmo círiaca, vindas dos desertos da Moscova, para as margens do Albion, sobre cavalos marinhos! Eis aqui porque motivo estes patifes são tão negros!

— Ah! muito bem, replicou o velho senhor administrado da ciência geográfica do cavaleiro. Agora entendo porque tem a cor tão negra estes captivos!

O sino da capela do castelo de Chivry tocou neste momento, e o senhor de Chivry disse para o cavaleiro: Eis o primeiro toque para a missa do casamento. Ah!

— Senhor, de que vos queixais? Conrado volta co

berto de touros, prisioneiro dos ingleses, sob palavra, e verdade, porém neste momento os seus vassalos traram do seu resgate; é amado por vossa filha, e é a adora; o vosso castelo está bem aprovado, bem fortificado, defendido por uma valente guarnição, nada

tem a temer dos ingleses nem dos devastadores; Jacques Bonhomme ainda chocado da ligão que recebeu o ano passado no torneio de Nointel, não ousa levantar o nariz de cima do sulco que para vós, labora; então, senhor, viva em paz e alegre!

— Meu pai, veio dizer com pressa ao conde de Chivry a bela Glorianda, só o segundo toque da missa, partamos, partamos!

— Vamos, eu te sigo, cara impaciente, disse o velho senhor sorrindo-se para sua filha. Dá a mão a Conrado e vamos para o altar.

— Ah! meu pai, que felicidade a minha! Sabeis que Conrado falou de mim ao regente, nosso senhor?

— Esse jovem e gracioso príncipe deseja viver-me na corte.

Partiremos antes de oito dias para Paris. Daqui até lá terei tempo de mandar fazer vestidos; um de brocado de ouro, outro de...

— Tu mandarás fazer dez vestidos; vinte vestidos, se quizeres, e dos mais-ricos! disse o conde com uma expressão de paternal ternura beliscando as faces da filha, nada é belo de mais para Glorianda de Chivry quando ela aparecer na corte! E' bom provar a estes reis que pretende superar os senhores, que tanto como eles não somos grandes senhores; o dinheiro não te faltará; os nossos baixios receberam as minhas ordens; amanhã elas fixarão dupla taxa aos meus vassalos em honra do teu casamento segundo o costume. Pôrém, olha eis um outro impaciente, tem dô de seu martírio, ajuntou alegremente o conde mostrando Conrado que se aproximava vivamente procurando com a vista Glorianda. O senhor de Nointel tornou com amor a mão da sua noiva, formou-se o cortejo, e a nobre assembleia, seguida dos pagens, e dos escudeiros, dirigiu-se para a capela do castelo.

Os prisioneiros ingleses libertos das suas cadeias por ordem da menina de Chivry foram os últimos. No momento em que passavam o limiar da porta da galeria, caiu debaixo da sotaina de um dos captivos uma grande faca com grosso cabo de madeira.

— Adão Diabo, disse em voz baixa outro prisioneiro, apanha a tua faca...

— ...

— O casamento da menina de Chivry e do senhor de Nointel teve lugar de manhã, e na galeria do castelo transformada em sala de festim, onde estavam reunidos os convidados para estes brilhantes espousais, o jantar está quase no fim. Durante mais de seis horas os nobres convivas fizeram frente a todos os serviços deste interminável jantar; porque enquanto Jacques Bonhime apenas sustenta sua triste vida com faves podres e água salobra, os senhores a quem ele engorda com seus rudes trabalhos, comem a rebentar a pele...

— A bela Glorianda e Conrado ficam estranhos à alegria causada pela boa comida, e pelos ditos livres; mais doce é a embriaguez dos noivos; eles estimam-se, e bem depressa para eles vai soar a hora da felicidade; por vezes trocam a fúria um olhar de impaciência; são ardentes os olhares de Conrado, perturbados os de Glorianda, seu belo seio faz docemente ondular os colares de pérolas e de diamantes; franzem mesmo as negras sobrancelhas, e levantam os belos homens ouvidos que já muito embriagado, gritar pedindo silêncio, declarando que quer cantar uma bela canção baúca em vinte e oito estrofes!!! e a cada uma delas se obrigado a despejar um copo cheio! depois do que os noivos serão ceremoniosamente conduzidos pelas damas de honor à câmara nupcial, de que a porta abre para a galeria. A esta proposição aclamada pelos convidados, a bela Glorianda lança um olhar desolado sobre Conrado; e este dirigindo-se ao seu amigo Gerardo de Chaumontel que está perto dele, diz-lhe:

— Leve o diabo o velho bêbado... e a sua cantig!

— Vai durar duas horas!

— A propósito deste bom homem, respondeu bendito de riso o cavaleiro meio bêbado, perguntou-me ainda agora porque é que os nossos prisioneiros são negros como toupeiras?

— Que tens tu, cara filha?

— Não sei, meu pai, experimento uma espécie de deslumbramento; desejava retirar-me para o meu quarto.

— Minha bem amada Glorianda, disse vivamente o senhor de Nointel levantando-se, consentis que vos acompanhe?

— Sim, eu vol-o rogo, Conrado..., irei tomar almoço para a janela do nosso quarto; parece-me que isto me fará bem...

— Vamos, replicou tristemente o senhor de Chivry, continuarei a minha canção amanhã. Depois ajun-

CALÇADO
GRANDE BAIXA DE PREÇOS
SÓ NA
Sapataria do Calhariz

Sortimento de calçado em todos os gêneros
Calçado para sport, bolas para futebol,
artigos para caça, etc.

Esta casa desafia toda a concorrência em preços
33, Largo do Calhariz, 33 — LISBOA

Valério, Lopes & Ferreira, L.
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras,
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas,
cravos para ferrador, serras circulares e de lata, etc.

84, R. DO AMPARO, 86—LISBOA — TELE: 3930, N. 1000, FERRAGENS

ESTE SEGURÓ IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL
Companhia de Seguros

Importante: Mediante um ligeiro sobre-premio, a MUNDIAL pôr-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

DOENÇA E INVALIDEZ

Serviço de livraria de A BATALHA
Livros em Esperanto

Romance original de Merimee, tradução de Sam. Meyer, 1 volume de 56 páginas.

Traduzido do original polaco de Nierojski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Orzobowski. 1 volume.

Muito artístico, a oito cores e cito motivos, os nossos principais monumentos, nitidamente impressos. Cada coleção de oito Colados em álbuns com o retrato de Zamenhof e com legenda Solo em português e esperanto.

Monólogo de Paul Billaud, tradução de Fernando Doré, 1 volume de 12 páginas.

Stranheredao Mais um original de Luyken, o feliz autor do Mirinda Amor. Romance interessante, aconselhado pela crítica. 1 volume.

Salão Top—A's 20,30—Variedades. São Vicente (à Graça)—A's 20,30—Animatógrafo. Benfica—Portug—Todas as noites—Concertos e discursos.

OFICINA FOTOMECHANICA
Largo do Conde Barão de 49
LISBOA
TELEFONE
2554
C

17500

30500

5000

4000

17500

A BATALHA

O protesto do proletariado contra a guerra

No Porto realizou-se uma importante sessão na qual se fizeram admiráveis afirmações de princípios - Uma brilhante conferência do dr. Campos Lima

PORTO, 4.—Efetuou-se no domingo o comício contra a guerra, promovido pela União dos Sindicatos Operários do Porto. O camarada Felisberto Baptista, que presidiu à reunião regularmente concorrida, afirma que o desencadeamento das guerras se deve ao egoísmo da burguesia imperialista. A hecatombe formidável que maltratou a humanidade atirou com o proletariado para um terrível sofrimento, enquanto os capitalistas continuam a atulhar de oiro os seus cofres de segredo. Relembra a partida dolorosa dos nossos soldados, dos nossos irmãos, para os ensangüentados campos de batalha e refere-se ao facto do capitalismo, não estando satisfeito com a última chacina, andar a preparar uma nova guerra, apresentando como exemplo a horroso luta fratricida de Marrocos.

Terminou por dizer que o proletariado deve sair da sua modorra, organizar-se e opor uma resistência tenaz, uma luta gigantesca aos funestos designios da finança internacional.

Há que fazer guerra, sim, mas ao capitalismo

Marcelino Pedro principia por dizer que faz precisamente 11 anos que os campos verdes e florescentes da Europa se transformaram, mercê dos homens, num vasto cemitério internacional. Onze anos são vovidos e ainda ante os nossos olhos perpassa a legião imensa de nossos ossos que, arracados das suas heridas, dos seus campos, foram arremessados para o campo da morte, do luto e da desolação. Parece ainda que os nossos ouvidos se ressentem do estampido formidável do canhão que, como um tuão de morte, devastou, incendiou e derruiu vilas, aldeias e cidades anteriores. Ante os nossos olhos ainda parece-se o mar imenso, num rumorejar tenro, tinto de sangue, desse sangue puro como pura era a alma dos nossos irmãos que nele pereceram. E isto porquê? Porque um Jorge V, um Guilherme II e um Poincaré assim o determinaram em honra dos interesses oligárquicos do capitalismo europeu. E para admirar que os povos obedecessem aos sinistros desejos daqueles imperantes.

Que haja outra guerra, compreende-se, mas que essa guerra não seja fomentada pelo capitalismo, mas aquela desencadeada pelo proletariado consciente que conduz a humanidade para uma sociedade perfeita. O verdadeiro patriotismo não está nos autores dos escândalos dos transportes marítimos do estado, do Lazareto, etc., mas na massa trabalhadora que agora só deseja essa guerra - a Revolução Social...

António Teixeira alude desenvolvidamente aos verdadeiros motivos da guerra de 1914. Ela não foi devida ao atentado de Sarajevo, que apenas lhe serviu de pretexto para a inflamação do rastilho guerrista. Essa guerra, que deixou nos vastos campos de batalha, milhões de seres humanos, não foi uma luta pela civilização, pelo progresso, pela liberdade, pela emancipação dos pequenos povos - mas uma peleja monstrosa, gerada pela cupidex industrial e comercial. Para demonstrar que a terrível matança humana vinha desde há muito sentido, para o que contribuiu à imprensa mercenária, que ateu a febre dos armamentos - refere-se largamente aos homens luxuosos pagos pela casa Krupp, onde gratuitamente se banqueteavam os militares das diversas nacionalidades que iam à Alemanha fazer as suas encomeadas de engenheiros mortíferos. Enquanto aqueles militares se confraternizavam ruidosamente, os povos estavam sendo reconduzidos para a matinha chacina. Os arautos da fementida civilização e progresso não marchavam para o açoque humano: mandavam para o sacrifício sanguinolento, simbolicamente à massa ignorante. Salienta, a seguir, as grandes deserções, a-pesar-das imprensa encoriar esse facto. Os desertos, não foram criminosos, inimigos da pátria, mas sólamente individuos que não estavam dispostos a ser assassinados, a deixarem-se morrer ou a matar por uma causa que desconheciam, que não era a sua. Depois de afirmar que os autênticos desertos são aqueles que fazem as guerras e de protestar veementemente contra a guerra de Marrocos - aconselha o proletariado a organizar-se fortemente, a recusar-se ao fabrico de aparelhos mortíferos, proclamando, enfim, a revolução social.

Os processos de chacina estão mais aperfeiçoados do que em 1914

Joaquim Silva declara que as questões guerreras devem constituir o problema dos problemas. Em todos os momentos se deve afirmar a nossa repulsa contra as guerras. A luta contra elas tem de ser agora mais tenaz em consequência dos modernos processos de chacina. Faz um pouco de história acerca das guerras do império romano, em que algumas predominava o espírito de liberdade dos escravos, o que não sucede com de agora. Demonstra como a guerra industrial criou enfiados heróis com o espírito constelado de medalhas de todos os ramanhos e feitos, enquanto o desgraçado soldado, o que verdadeiramente se bateu com bravura, anda por essas ruas fora a mendigar uma esmola à caridade pública. «Defende a tua pátria, aquela pátria que amanhã te deixa morrer de fome» - exclama ironicamente o orador. Esclarece as rivalidades que existiam entre a Alemanha, a França, a Inglaterra, etc., para concluir também que a conflagração de 1914 não foi originada no atentado de Sarajevo. Terminada a guerra, verifica-se que não há vencidos nem vencedores. Em toda a parte miséria é desoladora e o exercício de chômeiros inenarrável. O operariado, portanto, não deve prestar-se mais para as lutas pelos interesses inconfessáveis do capitalismo, servir de carne de canhão. Uma só guerra nos deve convir: é a da justica contra a iniquidade, do direito contra a força, da liberdade contra a tirania.

António Líbório descreve os horrores da guerra, atribuindo-a aos manejos dos políticos de todas as nuances que se esforçam a conservar o novo na ignorância, desfe-

rindo o velho chavão do patriotismo. A seu ver, o início da nova guerra está na espantosa fogueira de Marrocos. As afirmações que os revolucionários fizeram em 1914 contra a guerra, devem não só ser renovadas, como reforçadas. O patriotismo não traduziu outra coisa senão os interesses exclusivos das oligarquias predominantes.

As vitórias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum. A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

A moção contra a guerra aprovada por aclamação

O orador ainda falou largamente sobre a nossa militarização africana. Esgotada a lista dos oradores, que foram quenamente aplaudidos, foi aprovada por uma veemente salva de palmas, a moção da União dos Sindicatos Operários, que tem as seguintes conclusões:

1.º Protestar energicamente contra a ameaça do capitalismo imperialista do desencadeamento de novas guerras.

2.º Manifestar os seus propósitos de corresponder com a declaração de greve geral revolucionária, a qualquer mobilização que, porventura, se tente levar a efeito.

3.º Sair da Associação Internacional dos Trabalhadores pelo inicio de tão grandioso protesto internacional contra a pretensão dos interessados no derramamento de mais sangue, em holocausto aos insaciáveis interesses dos ambiciosos sem escrúpulos.

Uma conferência de Campos Lima

REGUENGOS DE MONSARRAZ, 4.—Realizou-se na sede dos sindicatos da vila uma sessão de protesto contra a guerra que esteve regularmente concorrida.

Falaram, entre outros os camaradas Bernardino Falé que fez uma breve exposição sobre os fins da reunião e o camarada João Caldeira que se espraiou em considerações afirmando e demonstrando que a pesar de todos os esforços que a burguesia tem feito para impedir que o operário tome conta dos seus destinos, tal não tem conseguido, pois cada dia mais se afirma a personalidade social dos que trabalham.

E' necessário, sem dúvida, o protesto, para conter a propaganda patriótica; mas é indispensável também fazer-se a fria análise das causas, dos factos, para se ver até que ponto vão as possibilidades de resistência a uma nova carnificina.

Quanto a si, declara-se optimista. Campos Lima entra nos detalhes explicativos dos motivos porque foi possível a guerra de 1914 e agora não é a que se anuncia. Cita o incremento anti-militarista anterior à guerra; as saídas fraternais e internacionais trocadas entre o proletariado e a burguesia, que se acreditava a uma nova carnificina.

E' achar que a-pesar-dos anos, começo-se com todas as injustiças; pacifista de sempre de há muito já que vem fazendo guerra à guerra.

No fim foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

Considerando e constatando que nas alturas da diplomacia internacional se preparam a uma nova carnificina;

Considerando que hoje só o operariado unido nacional e internacionalmente pode obstar a que a humanidade seja vítima dum novo crime; resolve:

Preparar-se para, na medida das suas forças, impôr-se a tentativa duma nova carnificina, e dar todo o apoio à C. G. T. em qualquer movimento que tenha necessidade de realizar para impôr a paz.

Em Souzel

SOUZEL, 5.—T.—A Associação dos Trabalhadores Rurais de Souzel realizaram uma importante sessão pública de protesto contra a guerra e forças vivas. Decorreu com bastante entusiasmo, encerrando-se aos vinhos à Liberdade e à Terra Livre.—E.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado deste organismo procurou ontem o presidente da Junta Autónoma das Obras da Maternidade para saber se já tinha autorização para levantar a verba de 1.500 contos para continuação daquelas obras, colhendo a resposta de que já havia autorização e que na próxima sexta-feira iria levantar o dinheiro para o que, esta semana ainda, falaria com o engenheiro da obra sobre a sua reabertura.

Ficou também combinado que na próxima segunda feira o delegado e o secretário do conselho técnico o procurem para saberem o que foi passado com o respectivo engenheiro e tratar-se o mais rapidamente possível da reabertura da obra.

O delegado procurou também, no Parlamento, o presidente do conselho e ministros do comércio e finanças para tratar do licenciamento dos operários das obras do Estado, não sendo possível entrevistá-los por motivo do o que não poderem atender.

Novamente o delegado, hoje de manhã procurará essas entidades.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Manipuladores de pão

Reúnidos em assemblea magna para se ocuparem da baixa de salários, apreciaram a forma como mentiram os diretores da Companhia Nacional de Alimentação, numa reunião que tiveram com o governador civil, dizendo que só eram baixos os salários dos recém-admitidos, quando já se tem feito transferências só com o fim de baixar o salário aos transferidos.

Convidaram-se os operários a quem pretendem baixar os salários e não os recebem, e a darem o seu nome no sindicato, a fim de se instaurar processo no tribunal de árbitros avindores.—A Comissão Administrativa.

O fracasso da social democracia

Só a Alemanha, pois, é que tinha a certeza da sua força, dos seus actos, das suas possibilidades de vitória. Só o partido social-democrático é que poderia impedir a guerra, mas ele criminou-se na traição vergonhosa. E' então que reconheceria abrir alas à passagem das tropas alemãs, era dar o predominio ao Kaiser, como se amanhã as abrassemos às tropas espanholas, era dar o predominio à Rússia. E contra isso todos nós nos oprimímos.

A polícia, exorbitando, sobrepuja-se às leis do país. Continuando nesse abuso chegará, de progressão em progressão, a pôr e depôr governos.

HORARIO DE TRABALHO

O pessoal da fábrica de Arcoselo continua trabalhando 10 horas e meia

ARCOSELO, 1.—Inúmeras vezes temos afirmado nestas colunas que o pessoal da fábrica de Arcoselo, constituído na sua maioria por mulheres, continua a trabalhar 10 horas e meia por dia e está sujeito ainda a uma disciplina revoltante e insuportável.

A gerência da referida fábrica tem feito ouvidos de mercador aos nossos justos comentários e responde a que queixumes dos seus operários ou com a ameaça de despedimento ou com a baixa de salários, atitude que, sob todos os pontos de vista, é aviltante.

Novecentas criaturas estão, de há muito, sacrificando-se em benefício dumas empresas que nada se incomoda com a sua situação miserável; novecentos operários, famílicos pelos miseráveis e irrisórios salários que aferem por um trabalho extenuante, são obrigados a um esforço superior ao que manda as suas forças e, sobretudo, ao que expressamente determina a lei, a lei que neste país é esfarrapada por aqueles que tinham o imperioso dever de a fazer cumprir; novecentos proletários, estiolam-se num labuta constante, durante toda a vida, para mais tarde se verem a braços com a miséria, com a fome negra e insuportável...

As vitórias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.

A guerra de civilização, como impropriamente lhe chamaram, não modifica, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vendendo, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado, sob a égide do Sindicato Revolucionário.

As vitorias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufrui os máximos proveitos. E' indispensável concertar um acto de força para se evitar o exterminio reciproco das que nunca nos fizeram mal algum.